

Odilon Redon - Pintor de Sonhos

Michaël Gaumnitz

Tirado do Vídeo *Peintre de Rêves* feito em 2011 por ocasião da exposição de mesmo nome no *Grand Palais* em Paris.

Bertrand-Jean Redon, conhecido como **Odilon Redon** (Bordeaux, 20 de abril de 1840 — Paris, 6 de julho de 1916) foi um pintor e artista gráfico francês, considerado o mais importante dos pintores do Simbolismo, por ser o único que soube criar uma linguagem plástica particular e original.

Ele foi um artista secreto, um pintor de mistérios e revolucionário para sua época. Podemos defini-lo como o pintor da luz, do calor e da serenidade que ele atinge na meia idade, depois de muitos eventos trágicos e de uma infância difícil.

O artista vem para essa vida para uma realização que é um mistério. Ele é um acidente. Ninguém espera vê-lo no meio da vida social.

Desde o começo ele estava na contracorrente dos artistas da sua geração que seguiam a corrente impressionista como Degas, Renoir, Monet. Era um homem solitário e introvertido. A fonte de sua inspiração e da sua arte propriamente dita era ele e seu mundo interior: no início utilizava a técnica do desenho e depois a litogravura onde esculpia monstros, demônios e figuras angustiadas. Tudo era concebido e realizado em diferentes tons de preto. E nos perguntamos: como alguém que trilhava o caminho das trevas vai para a luz e a cor?

Redon teve uma infância difícil, foi uma criança doente que foi tarde para a escola. Ele próprio diz que dos 11 aos 18 anos só conseguia sentir rancor. Ele teve um professor particular de desenho, e desenho era um dos seus talentos, e graças a ele conheceu muitos pintores através de visitas frequentes a museus importantes. E com ele aprende que só se deve pintar o que se sente intimamente. Essa foi uma lição que ele levou para toda a vida.

Redon vai para Paris e entra para a Escola de Belas Artes, mas não se adapta ao esquema rígido de lá e sai. Teve dois grandes mestres, e a experiência contemplativa que ele praticava desde pequeno, também foi um dos seus mestres:

- Chavaud, botanista e com ele aprendeu amar a Natureza em todas as suas formas. Com ele aprende muito de fisiologia vegetal e começa desenhando albuns de Botânica que ele realizava sempre com um toque pessoal, expressando as formas vegetais com formas animadas;

- Rodolphe Bresdin: poeta e pintor que lhe ensinou que é necessário ver dentro de si mesmo para poder pintar ou desenhar. Os trabalhos de Redon eram a expressão dos seus sonhos e Bresdin lhe mostra que suas mãos eram mãos sensíveis, amorosas, verdadeiras mãos de artista. Nessa época aprende a fazer gravuras com todo tipo de material e frequenta o atelier de Bresdin por dois anos considerando-o então seu único mestre, tanto que assinava seus trabalhos como “aluno de Bresdin”.

Sua formação se deu de forma prática, pela experiência de frequentar os museus e copiar diferentes artistas, copiando o que lhe chamava a atenção num determinado quadro: seus preferidos eram Rubens, Rembrandt, Da Vinci e principalmente Delacroix. Este último foi uma grande fonte de inspiração para Redon que copiando sua obra prima – O Carro de Apolo – percebe o triunfo da luz sobre as trevas e da alegria do Dia oposta à tristeza da Noite e das sombras. Depois deste encontro, ele se aproxima de Delacroix em quem ele percebe uma fineza de espírito aliada à uma força de caráter.

Aos 32 anos deixa Bordeaux definitivamente e vai viver em Paris quando frequenta a vida mundana da burguesia parisiense, que logo o decepciona. Volta de vez em quando para sua terra natal, para a pequena propriedade da família, que ele considera um lugar privilegiado onde passou sua infância e que lhe inspirou grande parte da sua criação artística que representa a época mais fecunda da sua obra (1875). Ele faz então, gravuras representando as visões que ocupavam seu espírito, todas elas de uma melancolia mórbida e imaginação atormentada.

Suas gravuras são ricas com uma visão muito pessoal de um universo de sonho. Ele mesmo declarou, "...deixo livre a minha imaginação no sentido de utilizar tudo o que a litografia pode me oferecer. Cada uma das muitas peças é o resultado de uma procura apaixonada do máximo que pode ser extraído da conjugação do uso do lápis, papel e pedra".

Para Redon criar é representar o imaginário e ele diz: “dou vida as minhas criações mais inanimadas” e “ minhas obras são verdadeiras e são o que elas dizem”. Suas gravuras eram feitas em diferentes técnicas: a gravura em pedra e a gravura em metal. A cor preta nessas obras aparecem em todo seu esplendor. Para ele, o preto era a cor mais importante e sincera que existe e ninguém pode enganá-la. Ela, como a música, nos coloca no mundo do indeterminado.

Conhece em Paris, Camille Falt, sua companheira e musa durante toda a vida e com ela casa e constitui família.

São dessa época os albuns de gravura mais conhecidos:

- *No Sonho*;

- *A Edgard Allan Poe*, inspirada nos escritos deste autor;
- *Goya*, retrata o mistério das origens, a obsessão pelo pesadelo, a melancolia, a tristeza.

Foi um período sombrio em sua vida com a morte de dois de seus irmãos, de um grande amigo e de seu filho Jean, que nasceu e morreu ao nascer. Todo seu trabalho desse período é marcado por sonhos místicos e pela angústia do fim do mundo. Conhece o trabalho de Flaubert – *A Tentação de São João* – que lhe serve de inspiração e faz três albuns seguidos com este tema. Neles, ele se reconhece, reconhecendo também a sua busca pelo absoluto e utilizando sua própria imaginação para isso. Flaubert considera Redon, um gênio visionário.

Começa, então, um período mais feliz para Redon: ele conhece o Taiti e as obras de Gauguin, plenas de cores exuberantes e nasce Ari, seu segundo filho, quando ele tem 50 anos. Tocado pela graça desse nascimento ele começa a usar a cor: os vermelhos, os azuis e então, ele se volta para a luz deixando pouco a pouco o preto. Começa a usar o pastel, que na época estava na moda se utilizando de lápis de fabricação peculiar artesanal que até hoje se fabrica do mesmo modo.

Redon diz: “o pastel me sustenta material e espiritualmente, me alimenta a vida e a alma e isso é como um renascimento”. O pastel fez Redon pintar de novo e com este material ele se aprofunda nos retratos. Começa, então, a ganhar mais dinheiro e com isso a família vive bem.

Continua ele: “eu espousei a cor e agora não posso mais pintar de outro jeito”. Começa a pintar flores, inspirados nos bouquets que sua esposa Camille fazia para alegrar a casa de campo da família quando visitavam o lugar onde passara a infância e a qual ele amava muito. Nessa ocasião foi obrigado a vendê-la, o que lhe trouxe muita tristeza e só não sucumbiu à melancolia por ajuda de sua esposa, Camille, que foi durante toda a vida sua inspiração e suporte, além de molelo preferido. Dizem que a união com ela foi definitiva para ele pois ajudou a definir sua vida interior.

Redon consegue finalmente expor e depois de duas exposições em Paris, vai para Bruxelas expor suas obras mais recentes numa exposição consagrada à arte simbólica. É reconhecido finalmente e começa a ser convidado para pintar grandes quadros em palácios e casas de amigos e clientes. Pinta os murais da sala de jantar do Castelo de Domecy usando a técnica óleo e pastel que se tornaram famosos e pelos quais ele é reconhecido mundialmente.

Aos 70 anos, a pedido de um amigo, colecionador de arte muito rico, pinta dois murais em sua biblioteca que se situam face a face: neles, criaturas insólitas, mas não aterrorizantes, aparecem inspirados em suas visões e sonhos e no qual um dia é representado, um dia especial do fim do mundo. Essa pintura é animada pelo mesmo

espírito visionário do grande sopro cósmico que resume sua visão de homem e artista. É como um testamento onde ele deixa impresso o que ele queria mostrar para o mundo.

Ele tem os dois pés no século XX e sua pesquisa evoca:

- Fauve e o fauvismo com sua cor subjetiva;
- Surrealismo e a exploração do inconsciente;
- Abstracionismo.

Sua criatividade cresce com a idade e, ele usa então a técnica da aquarela, tinta nanquin, além de óleo e pastel. A técnica mais utilizada por Redon foi o pastel, que lhe permitia trabalhar as cores com texturas diferentes e bastante mescladas. Redon foi um dos membros mais destacados do movimento simbolista, cujas bases teóricas foram definidas pelos manifestos do poeta Mallarmé e pela estética romântica. Diferente da obra de seus colegas, a sua chegou aos limites da sugestão e da abstração, e pode-se dizer que, tanto formal quanto conceitualmente, chegou, de modo visionário, perto da futura vanguarda surrealista.